

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

VIOLÊNCIA POLÍTICA E DEMOCRACIA: OS EFEITOS DOS LIMITES A
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Michel Dummar Azulai
No. de Matrícula: 0412106

Orientador: Juliano J. Assunção

Data: Junho de 2008

**Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo,
a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.**

Michel Dummar Azulai

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Agradecimentos:

- Ao Professor Juliano Assunção, pela orientação, incentivo e aprendizado.
- Aos professores Edward Miguel e Botond Köszegi, pelo incentivo a estudar o tema e pelos comentários durante o meu período de intercâmbio na University of California, Berkeley.
- Ao professor Gustavo Gonzaga, por comentários que me possibilitaram entender melhor o tema.
- À Mãina Celidonio Campos, por comentários com relação à análise empírica.
- À minha família pelo apoio.
- Aos meus amigos, em alguns casos, pelas risadas, bom humor e paciência e, em outros, pelos incentivos, ao ouvir que o tema da minha monografia seria o “terrorismo”.

Índice

1. Introdução.....	5
2. Literatura.....	8
2.1. Literatura teórica – Democracia e terrorismo.....	8
2.2. Literatura teórica – Etnicidade e terrorismo.....	10
2.3. Literatura empírica.....	11
3. Base de dados.....	13
4. Resultados.....	20
4.1. Resultados principais.....	20
4.2. Teste de diferentes especificações.....	24
4.3. Testes adicionais de robustez.....	28
5. Conclusão.....	34
6. Referências.....	36

1. Introdução

A violência política tem a consequência imediata de perda de bem estar para a população civil. Os dados mostram que, em 2004, 11.712 pessoas foram feridas e 12.757 pessoas foram mortas em atentados terroristas no mundo (Global Terrorism Database II, do U.S. Department of Homeland Security em associação com a Universidade de Maryland). Entre 1998 e 2004, dentre os diversos ataques terroristas no mundo, 3.123 incidentes alvejaram civis e propriedade privada, sendo esse o alvo mais freqüente no período, de acordo com a base de dados. As estimativas para os impactos econômicos de terrorismo indicam impactos da ordem de 10% sobre o PIB per capita local (Abadie e Gardeazabal, 2003, em estimativas para o País Basco), além de diversos impactos eleitorais, geográficos e comportamentais¹. Os possíveis impactos institucionais de violência política também motivam o melhor entendimento de terrorismo.

O melhor entendimento, portanto, dos geradores de terrorismo tem sua relevância afirmada tanto em termos de impactos diretos sobre bem estar, quanto pela capacidade de violência política ser efetiva em melhorar ou piorar as instituições políticas vigentes, que por sua vez, afetariam o bem estar econômico. Por essa motivação, procura-se entender nessa monografia quais são os impactos que democracia, instabilidade do sistema político e polarização / divisão do eleitorado² têm sobre terrorismo. Ao mesmo tempo, procura-se, a partir dos resultados, interpretar quais são os canais pelos quais democracia, instabilidade política e fragmentação étnica afetam terrorismo.

Utilizando um painel com mais de 150 países entre 1974 e 1997, as regressões indicam que (a) países mais democráticos, em média, têm mais terrorismo, (b) países com sistemas políticos mais “voláteis” têm mais terrorismo e (c) países com divisões étnicas mais fortes têm mais terrorismo. Os efeitos de democracia são robustos a inclusão de efeitos fixos de país, dummies de ano, terrorismo em países vizinhos, variáveis econômicas,

¹ Para distorções de hábitos de consumo geradas por terrorismo, ver Becker e Rubinstein (2004). Para impactos de terrorismo sobre decisão de localização geográfica, ver Glaeser e Shapiro (2002) – que mostram impactos sobre o tamanho da população urbana e migração – e Abadie e Dermisi (2006) – que mostram impactos de terrorismo sobre preços de imóveis no centro de Chicago. Para efeitos eleitorais de terrorismo, ver Berrebi e Klor (2004) e Jaeger, Klor, Miaari e Paserman (2008).

² Eleitorado, no decorrer da monografia, será o termo utilizado para se referir não a eleitores com direitos legais, mas potenciais participantes do sistema político, seja via partidos políticos legais quanto movimentos terroristas ilegais.

de ideologias que perpetram atentados contra o país e de proxies de custos do atentado. O efeito de etnicidade, por outro lado, não é robusto a forma de medir divisões étnicas, nem à especificação funcional da regressão. Os efeitos de instabilidade do sistema político, são robustos à inclusão de variáveis econômicas, efeitos fixos de país e de tempo, porém, não são robustos à inclusão de variáveis de custos dos atentados terroristas e de etnicidade. Ao considerar somente movimentos com algum nível de organização, ou considerando-se soluções de canto nas regressões, instabilidade política volta a ter efeito sobre terrorismo.

A interpretação dada a esses resultados é a de que, por um lado, estabilidade do sistema político afeta terrorismo por um canal de “custos” dos atentados: em governos mais instáveis, a repressão aos participantes de movimentos terroristas se torna dificultada. Adicionalmente, se percebe que, para movimentos terroristas mais organizados, instabilidade política tem um efeito além desse via custos, afinal, mesmo com o controle para as variáveis proxy de custos, instabilidade permanece tendo efeito significativamente positivo para atentados de grupos organizados. Se interpreta que, para esses movimentos, a instabilidade traz o retorno de, potencialmente, vir a ocupar o governo, o que leva os movimentos organizados a intensificar violência. Ainda assim, reconhecemos que essa interpretação deve ser feita com cuidado, pois não se pode descartar a chance de endogeneidade de instabilidade política.

Por outro lado, se interpreta os efeitos de democracia como indicadores de que a restrição aos atentados se dá via um mecanismo de restrições à participação política do público, e não via restrições aos movimentos terroristas em si – afinal, se democracia afetasse terrorismo via restrições aos movimentos terroristas, esperaríamos que, uma vez controlando-se para os custos de fazer atentados terroristas, o efeito de democracia desaparecesse. Aqui, ao contrário do que normalmente é intuído na literatura, parece que a restrição à participação política do eleitorado é eficiente em fazê-lo não ingressar em movimentos políticos de luta armada, ao invés de fazê-lo lutar pelos seus direitos políticos. Da mesma forma, ao contrário da intuição mais tradicional, interpreta-se que a restrição a terrorismo no mundo tem sido baseada não na restrição aos movimentos organizados, mas a participação nos movimentos organizados.

Essa monografia, até onde se sabe, é o único trabalho que foca em como as variáveis institucionais e políticas afetam terrorismo empiricamente. Os dois trabalhos mais

próximos a esse são Abadie (2006) e Krueger e Maleckova (2002), que fazem análises empíricas dos determinantes de terrorismo. Esses trabalhos, porém, focam em mostrar o impacto de renda e educação sobre violência política. Sendo assim, não apresentam resultados muito robustos para os impactos de variáveis institucionais e políticas sobre terrorismo, e nem interpretações para os canais pelos quais estas variáveis afetam terrorismo.

Um segundo ponto que a monografia levanta se relaciona a capacidade de violência política em trazer resultados democráticos. Muito foi escrito na literatura do novo institucionalismo focando na geração de conflitos e uso de golpes como fator chave na democratização ou tiranização de um país (Acemoglu e Robinson (2000),(2002),(2003)). Os resultados da monografia, porém, levantam dúvidas com relação à capacidade de usar conflitos em favor de democratizações, dado que regimes tiranos se mostram mais capazes de controlar rebeliões que regimes democráticos.

Na próxima seção, faz-se uma revisão da literatura, tanto teórica quanto empírica, que trata do tema de democracia, divisões étnicas e violência política / terrorismo. Na terceira seção, detalhamos as bases de dados usadas para a obtenção dos resultados. A quarta seção apresenta os resultados, com seus respectivos testes de robustez. A quinta seção conclui, apresentando uma breve discussão crítica dos resultados.

2. Literatura

2.1. Literatura teórica – democracia e terrorismo

Existe uma vasta literatura ligando, teoricamente, guerras à democracia. Glaeser (2006) desenvolve um modelo de guerras internacionais, em que os incumbentes, sob o ponto de vista dos eleitores, têm uma vantagem contra a oposição na condução de guerras (essa vantagem pode ser por falta de informação do desempenho do opositor em guerras, por exemplo). O paper mostra que, quanto mais o incumbente valoriza a sua continuidade no governo, mais ele estará propenso a entrar em guerras. Hess e Orphanides (2001) desenvolvem um modelo similar, no qual, quando há uma crise econômica, incumbentes que valorizem a sua continuidade no governo usam as guerras como forma de sair da crise. A conclusão geral desses modelos pode ser entendida como mostrando um impacto negativo de democratizações sobre a probabilidade de guerras: afinal, quanto mais democrático for o país, maiores são os limites ao governo, e menores as valorizações a continuar no governo.

No caso de guerras civis e terrorismo, a literatura teórica apresenta resultados mais ambíguos. A literatura do novo institucionalismo, ao tentar explicar democracia e ditaduras, coloca como questão chave para a democratização a possibilidade de um conflito civil que ocasionaria um golpe contra o governo corrente. A ameaça desses conflitos seria tanto motivadora de instabilidade política, com golpes tornando o país mais democrático e contra-golpes o tornando menos democrático, quanto motivadoras de flexibilização voluntária de regimes ditatoriais. Mostram esse tipo de modelagem Acemoglu e Robinson (2000), (2001), (2006) e Conley e Temimi (2001). No caso de Conley e Temimi (2001), a violência é condicionada a possibilidade de obter os payoffs de direito a voto, o que faz o modelo relacionar regimes mais ditatoriais com mais violência, enquanto que nos modelos de Acemoglu e Robinson, a possibilidade de violência está associada tanto a democracias quanto a ditaduras.

Outros modelos mais focados em violência mostram correlação negativa entre democracia e terrorismo. Glaeser (2005) desenvolve um modelo em que governos com bases constitucionais fracas, em períodos de crise, têm um incentivo eleitoral a incitar ódio contra um grupo, colocando nele a culpa das crises em que o país vive. Padro i Miquel (2007) mostra um modelo em que autocratas, em equilíbrio, conseguem extrair *rents*

taxando em excesso todos os grupos da sociedade e, ao mesmo tempo, provendo payoffs de clientelismo compensatórios da taxaço para o grupo que o apóia. Tal estratégia, no modelo, também   capaz de garantir uma base de apoio ao político, dada pelo grupo que recebe payoffs de clientelismo e que teme perd -los. Interpretando-se a taxaço em excesso como violência (o clientelismo dos movimentos terroristas também   uma hipótese razoável – grupos como o Hamas provêem assistência social a comunidades pobres na Palestina, por exemplo), pode-se entender esse modelo como relacionando positivamente autocracia e terrorismo.

O problema desses modelos na análise das institui es que incentivam a violência política, porém,   a estrutura imposta aos modelos, de que violência necessariamente s    possível, ou só   cometida, quando há falta de democracia. Nos modelos do novo institucionalismo, ou se impôs que terrorismo seria feito como uma ameaça ao governo que não estendesse direitos de votos (caso de Conley e Temimi (2002)), ou se impôs a falta de rela o entre institui es e terrorismo (como nos modelos de Acemoglu e Robinson). Da mesma forma, o modelo de Glaeser (2005) impõe que a incita o de ódio s    permitida em países com institui es fracas, e Padro i Miquel (2007) toma como hipótese que não existe competi o entre os políticos por votos, não fornecendo, portanto, um *framework* amplo o suficiente para analisar casos fora de situa es autocr ticas.

Outros modelos mostram análises opostas aos citados acima. Alesina e Spolaore (1997) analisam um modelo de secessão de países, em que a decisão do número de países de equilíbrio   dada por um *trade-off* entre economias de escala no nível do país e heterogeneidade de preferências. A análise dos autores mostra que quando o direito a voto   estendido, o lado da heterogeneidade de preferências   exacerbado, o que favorece a cria o de um número maior de países. Sendo assim, o modelo de Alesina e Spolaore indica que democracia pode motivar ideais separatistas, que podem ter conseq ncias sobre terrorismo. A principal limita o do uso desse modelo como *framework* para a compreensão da monografia   que ele só se aplica a terrorismo nacionalista – que não   a ideologia com maior número de ataques cometidos na amostra – e que os meios pelos quais se atinge a secessão dos países não são muito fundamentados.

Podem ser vistos como modelos que dão base   idéia de democracia aumentando terrorismo os modelos de san es governamentais contra terroristas. São exemplos de

modelos desse tipo Lapan e Sandler (1988) e Kaempfer e Lowenberg (1988). Se interpretarmos que sistemas democráticos impõem (a) mais custos a sanções do governo contra terroristas e (b) maiores custos de reputação, esses modelos prevêem que governos mais democráticos serão menos capazes de reprimir terrorismo, e portanto, haverá mais terrorismo. Talvez, a principal ressalva a ser feita à ambos os modelos é a pouca fundamentação política deles, e conseqüentemente, a baixa explicação do caráter político dos ataques terroristas.

Ao final, a literatura teórica sobre os impactos de democracia sobre terrorismo pode ser resumida como identificando três possíveis canais pelos quais instituições políticas podem afetar terrorismo: (a) países mais democráticos dão menos motivação a violência objetivada a expansão de direitos políticos, portanto, reduzindo terrorismo; (b) países mais democráticos, por reprimirem menos a participação civil em movimentos políticos, dão mais motivação a terrorismo; e (c) países mais democráticos têm menor capacidade política de repressão de movimentos terroristas organizados e ilegais, portanto, promovendo terrorismo. Procuraremos analisar os resultados empíricos com relação aos impactos de democracia sobre terrorismo com base nesses pontos.

2.2. Literatura teórica – etnicidade e terrorismo

São diversos os estudos teóricos apresentando a relação entre diversidade étnica e conflito civil. Chacón, Robinson e Torvik (2006) mostram um modelo em que grupos políticos de diferentes tamanhos enfrentam um trade-off entre se comprometer com democracia ou lutar pelo poder. O ponto chave do modelo é que a probabilidade de ganhar as eleições cresce com o tamanho do grupo político, assim como a probabilidade de ganhar a luta armada pelo poder. A modelagem permite inferir, com um conjunto de outras hipóteses, que lugares com divisões políticas do tipo (1/2,1/2) são os lugares com menor probabilidade de ter democracia consolidada, e de ter luta pelo poder. Essas conclusões teóricas são confirmadas para dados históricos da Colômbia. Sendo assim, o paper tem como idéia chave que casos de polarização política extrema (ou seja, divisões próximas a (1/2,1/2)) aumenta a probabilidade de conflito civil. Caselli e Coleman (2006) apresentam um resultado semelhante com relação à possibilidade de conflito étnico e tamanho relativo

dos grupos. No paper, os autores mostram uma relação de U-invertido entre as chances de haver um conflito e o tamanho relativo dos grupos.

Berman e Laitin (2005) apresentam um modelo de clube para organizações terroristas, em que ataques suicidas são sinais de comprometimento do membro com o clube. O modelo mostra que em situações de pouca provisão de bens públicos, movimentos terroristas podem ser eficazes em atrair membros e cobrar deles o sinal do ataque suicida. Tendo em vista a literatura que indica que divisões étnicas fortes dificultam a provisão de bens públicos (ver Alesina et al. (2003), Alesina, Baquir e Easterly (1999)), esse modelo ditaria uma relação positiva entre fragmentação étnica e terrorismo, via falta de suprimento de bens públicos.

Um último modelo a ser citado nesse tema é o de Conley e Temimi (2001). O paper tem como base para dizer que falta de democracia incentiva terrorismo a correlação negativa entre as preferências daqueles que têm direito a voto e as preferências daqueles sem direito a voto. Sendo assim, Conley e Temimi (2001) prevêem não somente que falta de democracia deve ter impacto sobre terrorismo, como também que esse impacto deve ser magnificado por diferenças étnicas.

Os modelos relacionando divisões étnicas e violência política, em geral, têm conclusões parecidas. Etnicidade deve aumentar terrorismo via diversos canais, seja por tecnologia de vitórias em guerras versus tecnologia de vitória eleitoral (Chacón, Robinson e Torvik (2006)), ou por questões de ação coletiva (caso de Caselli e Coleman (2006) e Berman e Laitin (2005)) ou por maior valor ao voto em casos de diferenças étnicas extremas (Conley e Temimi (2001)).

2.3. Literatura empírica

Na análise empírica dos impactos de fragmentação étnica e democracia sobre terrorismo, menos foi feito³. Até onde se sabe, os dois únicos papers que olharam diretamente para essas correlações foram Krueger e Maleckova (2003) e Abadie (2006). O objetivo principal dos dois papers é mostrar o impacto de variáveis econômicas sobre terrorismo. A conclusão dos dois é parecida nesse sentido: Krueger e Maleckova (2003)

³ Foram estudadas as correlações entre etnicidade, renda e democracia com guerras civis (por exemplo, ver Miguel, Satyanath e Sergenti (2004) e Fearon e Laitin (2003)). O problema de usar esses estudos, porém, é que as conclusões desses estudos são contraditórias com as conclusões dos estudos de terrorismo feitos.

mostram que terrorismo internacional tem correlação não significativa com renda, terrorismo em Israel não tem correlação significativa com desemprego e que apoio a movimentos terroristas tem pouca correlação com educação; enquanto que Abadie (2006), instrumentando renda por latitude do país, mostra que renda, desigualdade e o índice de desenvolvimento humano da ONU não têm correlação significativa com renda.

Com relação aos achados do impacto de etnicidade, Abadie (2006) mostra que fragmentação étnica tem correlação positiva com terrorismo, enquanto que fragmentação lingüística e religiosa tem correlação não significante (Krueger e Maleckova (2003) não vêem os impactos de fragmentação étnica, religiosa ou lingüística). Os achados de democracia nos dois papers são bem mais ambíguos: enquanto Krueger e Maleckova (2003) mostram que países com mais liberdades civis tem menos atentados terroristas internacionais originando-se neles, Abadie (2006) mostra uma correlação de forma de U-invertido entre liberdades políticas e terrorismo.

Sendo assim, por um lado, há poucos estudos empíricos analisando o impacto de etnicidade sobre terrorismo, impossibilitando, somente pela literatura, conhecer a robustez desses estudos. Por outro lado, os achados empíricos com relação aos impactos de democracia e direitos políticos sobre terrorismo são ambíguos.

3. Base de dados

O principal problema a se enfrentar ao fazer um estudo empírico sobre terrorismo se relaciona a ter uma base de dados confiável sobre terrorismo. Os potenciais problemas de uma base de dados sobre terrorismo estão ligados à dificuldade de fazer um acompanhamento a nível mundial de atentados terroristas, principalmente quando se trata de atentados domésticos, de contar número de mortes e feridos e danos a propriedade, de saber quem cometeu o atentado, a ideologia de quem cometeu o atentado, entre outros.

Dada a dificuldade de fazer acompanhamento diário, a maioria das bases de dados de terrorismo registra atentados terroristas com base em relatos históricos de órgãos de mídia locais e internacionais, tentando conter o potencial viés do órgão de mídia com o uso de diversas fontes para um mesmo atentado. Ainda assim, podem haver problemas com viés em estados autoritários, por exemplo, pela tentativa de controlar a cobertura de órgãos de mídia internacionais e a divulgação de notícias por órgãos locais.

Entre as diversas bases de terrorismo encontradas, a base com maior cobertura, tanto em termos de número de países cobertos quanto em termos de horizonte temporal registrado é a Global Terrorism Database I (GTD I), do Department of Homeland Security do governo americano, em associação com a University of Maryland. A base de dados originalmente foi coletada pelo Instituto Pinkerton, em consultoria para o governo americano, porém, depois, foi repassada a University of Maryland, que informatizou os dados. Nessa passagem, apesar de os dados para o ano de 1993 terem sido perdidos, foram disponibilizados para consulta dados de terrorismo para mais de 150 países, entre 1970 e 1997. Definindo-se um ataque terrorista como ataques por organizações não governamentais a alvos fora de combate, com objetivos social, político ou religioso, a base de dados apresenta registro de quase 60 mil incidentes domésticos e internacionais ocorridos no período. A base ainda apresenta registros do número de mortes, feridos, se houve ou não dano a propriedade privada, tipo de arma usada no ataque, alvo do ataque (ex.: se alvo era um agente do governo, conjunto de cidadãos, entre outros), quando conhecido, o movimento culpado pelo ataque, a fonte principal dos dados do ataque, dia do ataque, cidade da ocorrência, entre outros.

Para o uso desses dados na análise, eles foram agregados ao nível de país-ano, formando um painel desbalanceado com mais de 150 países e 26 observações temporais para a maioria dos países⁴. Sendo assim, ficamos com as variáveis de número de atentados terroristas em um país em um dado ano, número de mortes e feridos, quantidade de ataques com danos a propriedade, proporção dos ataques que usou um dado tipo de arma (essa servindo como proxy para o custo de cometer o atentado), proporção dos ataques cometidos por grupos de uma dada ideologia (servindo como proxy para efeitos do tipo dos movimentos locais), número de atentados cometidos por movimentos que atacam com frequência⁵ (servindo como proxy para nível de organização do movimento e número de atentados nos países em volta do país em questão naquele ano).

Esses dados foram agregados com a medida de democracia do POLITY IV, que inclui uma medida de democracia e uma de autocracia entre 0 e 10 (sendo os países com medida mais próxima de 10 mais democráticos ou mais autocráticos, respectivamente) para 188 países entre 1800 até 2006. Essas medidas foram usadas para criar medidas de instabilidade política, democratização e tiranização⁶.

Dados de renda e abertura comercial foram conseguidos pela Penn World Tables. Além disso, foram conseguidos dados de fragmentação étnica em Alesina et al. (2003), com dados também para mais de 180 países, e dados de polarização étnica em Montalvo e Reynal-Querol (2005), com dados para cerca de 130 países. A medida de fragmentação étnica em Alesina et al. (2003) mede, para um dado país, qual é a probabilidade de dois indivíduos selecionados aleatoriamente serem de uma mesma etnicidade. A mesma medida está disponível para a probabilidade de dois indivíduos selecionados aleatoriamente dentro

⁴ Por exemplo, com o fim da União Soviética, muitos países novos apareceram entre 1991-1993.

⁵ Essa variável é definida como: foi contado o número de atentados em um país-ano cometidos por grupos terroristas com mais de 20 ataques entre 1970-1997, mais de 100 ataques entre 1970-1997 e mais de 200 ataques entre 1970 e 1997.

⁶ Instabilidade é medida como:

$$inst = \begin{cases} 1 & \text{se } \sum_{i=t-n}^t |democ_i - democ_{i-1}| > c \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$

Democratização e tiranização foram construídas como:

$$f = \begin{cases} 1 & \text{se } \sum_{i=t-n}^n democ_i - democ_{i-1} > c \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$

mudando-se o sinal de maior para menor no caso de tiranização. Foram usados $n=3$ e $c=3$.

de um país falarem a mesma língua e para dois indivíduos serem de uma mesma religião. A medida de Montalvo e Reynal-Querol (2005), por outro lado, mede qual é a distância da distribuição da população entre etnicidades com relação à distribuição com metade da população em uma etnia e metade em outra. Quanto mais distante dessa distribuição ($1/2, 0, \dots, 0, 1/2$), menos polarizada é a sociedade. A mesma medida está disponível para polarização religiosa.

O tratamento teórico dessa medida é feito em Esteban e Ray (1994), em que os autores mostram que essa medida é diferente de uma medida de desigualdade, por considerar não só diferenciação entre etnias, mas um efeito que pode ser interpretado como “identificação” com uma mesma etnia, crescente no tamanho da população daquela etnia. A motivação para o potencial uso dessa medida, ao invés da mais comumente usada de fragmentação, é devida à possibilidade de movimentos de massa serem mais efetivos quando o número de participantes do movimento é maior. Essa situação seria oposta a literatura de lobbies, em que maior número de integrantes dificulta coordenação. Esteban e Ray (2001) mostram, porém, que, para funções de custo de contribuições para o movimento suficientemente convexas (e argumentam que esse é o caso para movimentos de massa), o achado da literatura de lobbies se inverte, e grupos maiores são mais eficientes. Isso motiva uma medida que cresça no tamanho do grupo via “identificação”, e cresça na distância entre grupos.

O problema do uso das medidas de fragmentação e polarização étnica é a disponibilidade delas somente em nível de cross-section. Sendo assim, quando possível, evitamos usar essa medida, só usando ela quando analisando o impacto de etnicidade sobre terrorismo. Ao fazer essa análise, consideramos que as medidas de polarização e fragmentação étnica são proxies para a polarização e fragmentação étnicas verdadeiras para todo o período. Ao fazer isso, presumimos que a quantidade de conflitos grandes o suficiente para alterar significativamente essas medidas foi pequena. Porém, como essas medidas de etnicidade foram obtidas para a década de 90, temos que países com conflitos grandes o suficiente teriam mais terrorismo e, portanto, menor fragmentação étnica na década de 90, que corresponde aos últimos períodos da nossa amostra. Como esperamos uma correlação positiva entre fragmentação / polarização étnica e terrorismo, ao fazer isso, estamos subestimando o impacto de fragmentação / polarização sobre terrorismo. Também,

para evitar ao mínimo a perda de controles ao trabalhar com as variáveis de etnicidade, agregamos à base de dados variáveis geográficas de Gallup e Sachs (1999).

Seguem na tabela (1) as estatísticas descritivas das variáveis explicativas usadas.

Variável	No. obs.	Média	Dv. Pad.	Mínimo	Máximo
<i>Índice de Democracia (0-10)</i>	3892	3,586	4,224	0	10
<i>Índice de Autocracia (0-10)</i>	3892	4,181	3,656	0	10
<i>Interrupção de governo</i>	4066	0,009	0,092	0	1
<i>Interregno</i>	4066	0,015	0,124	0	1
<i>Transição de governo</i>	4066	0,019	0,135	0	1
<i>Instabilidade (c=3)</i>	3394	0,144	0,351	0	1
<i>Instabilidade (c=6)</i>	3394	0,114	0,318	0	1
<i>Democratização (c=3)</i>	3394	0,052	0,222	0	1
<i>Democratização (c=6)</i>	3394	0,023	0,151	0	1
<i>Tiranização (c=3)</i>	3394	0,018	0,132	0	1
<i>Tiranização (c=6)</i>	3394	0,009	0,094	0	1
<i>PIB Per Capita real</i>	3696	6902,368	8144,177	170,555	84694,630
<i>Coef. Abertura comercial</i>	3706	65,184	46,262	2,780	623,458
<i>Proporção Atentados com explosivos</i>	3769	0,237	0,367	0	3,176
<i>Proporção Atentados com armas de fogo</i>	3769	0,158	0,285	0	2
<i>Proporção Atentados incendiários</i>	3769	0,053	0,187	0	4,500
<i>Proporção Atentados "armas brancas"</i>	3769	0,019	0,108	0	3,000
<i>Proporção Atentados armas químicas</i>	3769	0,002	0,032	0	1
<i>Proporção Atentados explosão remota</i>	3769	0,000	0,003	0	0,167
<i>Proporção Atentados outras armas</i>	3769	0,010	0,092	0	3,333
<i>Polarização étnica</i>	3339	0,529	0,234	0,017	0,982
<i>Polarização religiosa</i>	3339	0,505	0,348	0,001	1
<i>Fragmentação étnica</i>	4262	0,462	0,259	0	0,930
<i>Fragmentação linguística</i>	4158	0,409	0,286	0,002	0,923
<i>Fragmentação religiosa</i>	4270	0,431	0,234	0,002	0,860
<i>Area do país (Km²)</i>	4113	781296	1757925	4856,996	16600000
<i>Elevação média do país (metros acima do nível do mar)</i>	4113	629,433	558,051	9,167	3185,920
<i>Terrorismo em países vizinhos</i>	3769	196,017	277,112	0	1498

Tabela (1)

Aqui, percebe-se em primeiro lugar uma média do *score* de democracia baixa na amostra, o que não é tão surpreendente, dado que boa parte do período da amostra está na época da Guerra Fria, em que ditaduras eram incentivadas tanto pelos Estados Unidos quanto pela União Soviética. Também, entre 11,4% e 14,4% dos países ano passaram por variação de regimes altas em curtos períodos de tempo. Tirando-se dessa estatística os casos de democratização e tiranização, temos que entre 7,4% e 8,2% dos países-ano passaram por variações absolutas altas do score de democracia, sem porém se tornar mais democráticos ou ditatoriais. Outra estatística de interesse aqui é que, dentre os atentados para os quais

temos registro de arma usada, a grande maioria usa explosivos, armas de fogo e armas incendiárias. A proporção média dos atentados com armas químicas ou explosão remota é baixa.

Abaixo, segue uma tabela mostrando como são os “perfis” dos atentados por diferentes ideologias.

Ideologia	Comunista	Anticomunista	Religioso
<i>No. atentados</i>	37,357 (84,960)	6,956 (19,759)	16,097 (31,365)
<i>Mortos</i>	68,549 (228,767)	29,934 (91,420)	43,167 (110,319)
<i>Feridos</i>	55,418 (435,210)	22,390 (55,073)	42,903 (97,860)
<i>Atent. com Danos a propr.</i>	30,425 (71,568)	5,956 (19,422)	10,895 (20,568)
No. obs	577	136	257
Ideologia	Racista/Étnica	Nacionalista	Anti-governo
<i>No. atentados</i>	18,625 (37,901)	18,581 (38,211)	34,213 (81,360)
<i>Mortos</i>	72,079 (210,019)	42,950 (148,371)	88,847 (308,374)
<i>Feridos</i>	52,543 (156,436)	45,684 (133,234)	57,105 (421,015)
<i>Atent. com Danos a propr.</i>	15,063 (30,971)	14,232 (28,573)	28,069 (69,601)
No. obs	304	456	620

* Desvios padrões entre parênteses

** Considera somente países-ano com no. de atentados maior que 0.

Tabela (2)

A tabela (2) mostra a média do no. de atentados, mortos, feridos e do número de atentados com dano à propriedade por ideologia do movimento, em países-ano em que movimentos da respectiva ideologia atacaram. A tabela mostra que, quando atacam, os movimentos comunistas são os que cometem maior número de incidentes em um ano. Também quando atacam, são os movimentos comunistas os que mais infligem ataques contra propriedade privada, sendo os anti-comunistas os que menos infligem ataques contra a propriedade privada. Quando atacam, os que mais matam e ferem são os movimentos terroristas com ideologia “anti-governista”. Em termos de mortes, os movimentos racistas estão na 2ª. posição no ranking, seguidos por movimentos comunistas. Em termos do número de feridos, os movimentos comunistas estão na 2ª. posição do ranking, seguidos pelos

movimentos racistas. Os movimentos com ataques e danos mais “esporádicos” são os anti-comunistas.

Aqui, podem aparecer suspeitas com relação à base, argüindo que, por ter patrocínio do governo americano, podem ter viés contra movimentos comunistas. Porém, dado que a base de dados está principalmente no período da guerra fria, e que houve em países capitalistas muitos movimentos patrocinados pela União Soviética (além de serem dois dos movimentos com mais ataques na base o Sendero Luminoso, movimento comunista peruano, e as FARC, também comunistas, na Colômbia), é de se esperar uma alta frequência de ataques comunistas. Também, pode-se argüir que, dado a retórica americana de lutar contra o comunismo, na época, talvez valesse a pena para o governo americano superestimar os movimentos anti-comunistas, como forma de mostrar instabilidade do regime soviético. Outro argumento a favor da base é o do pouco uso dela pela mídia (afinal, a mídia pode não estar interessada em histórico, e sim, em notícias, que não são capturadas pela base), e o uso dela por agentes do governo americano como fonte de informação histórica (a base foi montada para atender a uma demanda por consultoria do governo americano), o que reduz o incentivo a viés.

Em seguida, temos uma tabela que mostra, por uma proxy do nível de organização e tamanho do movimento, os “perfis” dos atentados.

Nível de organização*	Todos	20	100	200
No. Observações	1921	986	632	545
<i>No. Atentados</i>	32,817 (84,243)	33,532 (75,585)	43,413 (88,432)	44,475 (91,486)
<i>Mortos</i>	68,180 (260,750)	86,860 (282,195)	112,282 (330,964)	112,853 (346,984)
<i>Feridos</i>	67,881 (320,183)	65,459 (351,849)	82,343 (433,173)	81,982 (462,022)
<i>Atent. Com Danos a propriedade</i>	25,040 (63,947)	26,635 (62,328)	34,457 (73,569)	35,429 (76,444)
Mortos/Atentado	2,078	2,590	2,586	2,537
Feridos/Atentado	2,068	1,952	1,897	1,843
Prop. com dano a propriedade	0,763	0,794	0,794	0,797

* Nível de organização é dado por número de atentados cometidos pelo grupo entre 1970-1997 sendo maior que 0, 20, 100 ou 200.

** Desvios padrão em parênteses

*** Considera somente países-ano com no. de atentados maior que 0.

Tabela (3)

A tabela (3) mostra que organizações de diferentes níveis não parecem ter grandes diferenças tecnológicas, como mostrado pelo no. de mortos por atentado, no. de feridos por

atentado e pela proporção dos atentados com danos à propriedade. Por outro lado, em países-ano em que atacam, movimentos mais organizados atacam mais em média, tendo como consequência disso maior número de mortos, feridos e atentados com danos à propriedade.

Essas tabelas mostram estatísticas que parecem consistentes com noções prévias sobre terrorismo, dadas noções de história do período utilizado na base de dados e noções de que, dada a ilegalidade dos movimentos, eles não têm motivo para estar em pontos diferentes com relação à fronteira tecnológica. Isso estabelece maior confiança nas bases de dados conseguidas, e com isso, seguimos para a análise dos dados.

4. Resultados

4.1. Resultados principais

Os resultados principais são regressões de efeitos fixos, que se aproveitam da estrutura de painel da base de dados para estimar o impacto de democracia, instabilidade política e variáveis econômicas sobre terrorismo, controlando para efeitos não observados de país e de tempo. Utiliza-se como medida de terrorismo o número de atentados porque movimentos terroristas diferentes podem ter alvos diferentes. Conseqüentemente, para poder captar um espectro mais amplo de movimentos terroristas, utiliza-se o número de atentados. Ao fazer regressões para estimar o impacto de fragmentação étnica e polarização étnica, dada a estrutura em cross-section dos dados, não podemos controlar para efeitos fixos de país. Então, o que fazemos é, para não perder o controle para alguns efeitos fixos importantes no nível de país, incluímos variáveis geográficas de área do país e de altitude média do país (com relação ao nível do mar). Essas duas variáveis são bastante usadas na análise empírica de conflitos civis e terrorismo por serem proxies para custos de locomoção dos movimentos insurgentes e alcance do governo a áreas mais remotas (ver Fearon e Laitin (2003), Miguel, Satyanath e Sergenti (2004) e Abadie (2006)). Segue, na página seguinte a tabela com as regressões de efeitos fixos, e posteriormente, a tabela com as regressões sem efeitos fixos, para etnicidade.

A tabela (4) mostra os resultados para democracia e instabilidade política. Aqui, os efeitos fixos de país estão capturando, entre outras coisas, o efeito de etnicidade e de variáveis geográficas que conseguimos capturar com os dados, então, desconsideramos as regressões na tabela (5) para ver o efeito de democracia e instabilidade política, e a usamos somente para ver o impacto de fragmentação / polarização étnica, religiosa e lingüística. Os controles para interrupção, interregno e transição são feitos somente com o objetivo de não perder observações importantes. Isso ocorre porque a medida do POLITY IV de democracia, muitas vezes, não consegue classificar o país, pois este está com o governo em transição, ou com falta de governo. Nesses casos, a medida do POLITY IV estabelece uma codificação diferente, indicando que, nesses períodos, a medida é “imprópria”. Para evitar perder essas observações, colocamos dummies que indicam interrupção, interregno e transição, de forma que uma combinação linear dessas três dummies com a medida de democracia possa nos dar somente uma variável de democracia. Da mesma forma, para

Regressões de efeitos fixos. Variável dependente: No. de incidentes em um país-ano				
	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Democracia</i>	2,569*** (0,682)	2,505*** (0,677)	2,242*** (0,675)	2,102*** (0,670)
<i>Interrupção</i>	163,162*** (47,731)	163,300*** (47,397)	150,173*** (47,199)	144,837*** (46,794)
<i>Interregno</i>	204,084*** (54,587)	198,584*** (54,224)	179,236*** (54,018)	166,612*** (53,578)
<i>Transição</i>	252,623*** (62,727)	247,649*** (62,306)	224,584*** (62,129)	208,676*** (61,630)
<i>Instabilidade</i>	10,207** (5,141)	7,652 (5,127)	7,582 (5,089)	7,296 (5,045)
<i>Democratização</i>	-26,896*** (7,099)	-25,964*** (7,059)	-25,416*** (7,015)	-26,258*** (6,955)
<i>Tiranização</i>	-28,319*** (9,515)	-27,090*** (9,455)	-26,260*** (9,381)	-23,214** (9,309)
<i>ln(Renda per capita)</i>	6,179 (5,297)	6,217 (5,270)	7,176 (5,255)	11,029** (5,238)
<i>Abertura comercial</i>	-0,071 (0,056)	-0,059 (0,056)	-0,036 (0,055)	-0,052 (0,055)
<i>Prop. Explosivos</i>		5,211 (3,258)	3,463 (3,270)	2,926 (3,242)
<i>Prop. Armas de fogo</i>		19,829*** (3,967)	15,129*** (4,022)	13,546*** (3,994)
<i>Prop. Incendiários</i>		23,430*** (5,456)	22,313*** (5,428)	23,319*** (5,383)
<i>Prop. Comunista</i>			16,767*** (5,144)	15,389*** (5,103)
<i>Prop. Anti-governo</i>			19,353*** (4,578)	17,235*** (4,549)
<i>Prop. Nacionalista</i>			-1,968 (5,487)	-2,760 (5,441)
<i>Prop. Racista/Étnica</i>			-4,357 (6,569)	-2,847 (6,515)
<i>Prop. Religiosos</i>			12,313* (6,562)	11,133* (6,507)
<i>Terrorismo em países vizinhos</i>				0,036*** (0,005)
<i>Constante</i>	-52,331 (43,072)	-56,588 (42,876)	-66,916 (42,733)	-97,387** (42,586)
Efeitos fixos de país?	SIM	SIM	SIM	SIM
Dummies de tempo?	SIM	SIM	SIM	SIM
Observações	2883	2883	2883	2883
Número de países	151	151	151	151
R-2	0,05	0,06	0,08	0,09

Erros padrão em parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (4)

conseguir uma medida de instabilidade pura, como definida na base de dados, precisamos controlar para democratizações e “tiranizações”, já que estas podem ter efeitos diferentes de instabilidade, os quais não queremos captar como efeito de “volatilidade” política. Dadas as explicações da regressão, podemos perceber que democracia tem efeito robusto a especificação do modelo: as especificações da tabela (4) indicam que um aumento de 1 ponto no *score* de democracia do POLITY IV leva a um *aumento* no número de incidentes, em média, entre 2,1 e 2,6. Os efeitos para transição, interregno e interrupção, apesar de parecerem significantes, uma vez feito o teste de hipótese de “*democracia + α * interrupção = 0*”⁷, o teste t não rejeita a hipótese nula. Isso pode se dever a problemas de causalidade reversa: ou seja, terrorismo gera interregnos e interrupções no governo, e por isso, variações no status de interregno, interrupção e transição não gerem variações na quantidade de terrorismo.

O ponto que a monografia faz com relação à democracia está ligado principalmente a esses resultados: o efeito de democracia é robusto a inclusão de variáveis *proxies* de custos de atentado (as variáveis de proporção de atentados com um certo tipo de arma), a efeitos de ideologia do movimento terrorista e a efeitos fixos de país. Nós interpretamos esse resultado como mostrando que o efeito de democracia sobre terrorismo não ocorre via repressão a movimentos terroristas (que normalmente ocorre via vigilância em aeroportos, construção de muros que impeçam a entrada de terroristas suicidas no país, ou ataques contra instalações dos movimentos), que seriam forçados a mudar o tipo de armamento usado, ou que teriam menor retorno a uma determinada ideologia. Interpreta-se que, portanto, o efeito de democracia sobre terrorismo deva ocorrer via limites à participação política da população: países menos democráticos reprimem aqueles cidadãos que tentam entrar no sistema político, e com isso, reduzem o benefício de participação política dos cidadãos em movimentos políticos ilegais. Com isso, acabam reduzindo a participação de indivíduos em movimentos terroristas com objetivos políticos, o que explicaria o coeficiente positivo de democracia em terrorismo.

Por outro lado, instabilidade política parece ter efeito pouco robusto sobre terrorismo: a variável de instabilidade perde significância estatística uma vez que se

⁷ O *score* do POLITY IV atribui valor de -66 para interrupções, -77 para interregnos e -88 para transições. Sendo assim, para o teste de hipóteses, tomamos $\alpha = -66$ para interrupções, -77 para interregnos e -88 para transições.

controla para variáveis de custos do atentado (por economia de espaço, não está sendo mostrado aqui, porém, controlando-se somente para as variáveis de ideologia do movimento, sem controle para o tipo de arma usada, instabilidade tem coeficiente significativo a 10%). Sendo assim, os resultados indicam que instabilidade do sistema político só gera atentados terroristas via redução dos custos dos atentados, possivelmente, via facilitação ao acesso a armas.

A tabela (5) mostra as regressões por MQO para a análise do impacto de etnicidade.

Regressões MQO. Variável dependente: No. de incidentes em um país-ano				
	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Fragmentação étnica</i>	9,895 (8,282)	12,421* (7,002)		
<i>Fragmentação religiosa</i>	-28,801*** (4,891)	-16,566*** (4,201)		
<i>Fragmentação linguística</i>	5,162 (7,105)	2,794 (5,929)		
<i>Polarização étnica</i>			28,782*** (5,994)	16,012*** (5,534)
<i>Polarização religiosa</i>			-9,122* (4,905)	1,434 (4,512)
<i>Area (em km²)</i>	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	-0,000*** (0,000)	0,000 (0,000)
<i>Altitude média</i>	0,016*** (0,003)	0,009*** (0,003)	0,011*** (0,003)	0,004 (0,003)
<i>Constante</i>	-0,266 (10,516)	13,334 (11,972)	11,133 (13,389)	11,794 (12,831)
<i>Controle para democracia?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle para instabilidade?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle para variáveis econômicas?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle para situação em países vizinhos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle para tipo de armamento?</i>	NÃO	SIM	NÃO	SIM
<i>Controle para ideologia do movimento?</i>	NÃO	SIM	NÃO	SIM
<i>Controle para dummies de tempo?</i>	SIM	SM	SIM	SIM
Observações	2675	2675	2486	2486
R-2	0,11	0,24	0,12	0,25

Erros padrão robustos entre parênteses

* significativa a 10%; ** significativa a 5%; *** significativa a 1%

**** As medidas de instabilidade, democratização e tiranização utilizadas consideram c=3.

Tabela (5)

Tomando como base as regressões com menos controles (regressões (1) e (3)), temos que o efeito de fragmentação / polarização religiosa é mais robusta que a étnica: polarização religiosa, assim como fragmentação religiosa, tem efeitos negativos e significantes sobre o número de incidentes. Por outro lado, fragmentação étnica tem efeito

não significante estatisticamente. Tomando como base, porém, as regressões (2) e (4), que incluem controles para ideologia e tipo de armamento, vemos que polarização religiosa perde significância. Dado que, em movimentos de massa, como movimentos terroristas, maior número de participantes é determinante de sucesso do grupo, como colocado em Esteban e Ray (2001)⁸, a medida de polarização parece ser mais apropriada para a análise, dado que considera também um componente de “identificação” entre membros de um mesmo grupo (a medida de polarização cresce com essa “identificação”). O maior grau explicativo (refletido pelo R-2) das variáveis de polarização, a despeito da falta de uma variável de polarização lingüística e do número menor de observações, também confirma a intuição. O resultado de que polarização religiosa é pouco robusta a inclusão de variáveis de ideologia do movimento e de custos de ataques, em conjunto com o resultado de que fragmentação étnica tem coeficiente significativo, uma vez incluídas as variáveis de ideologia e custos do movimento, nos leva a dizer que maior fragmentação / polarização étnica têm impacto positivo sobre terrorismo, enquanto que fragmentação / polarização religiosa e lingüística têm impacto pouco robusto sobre terrorismo.

Sendo assim, os nossos resultados principais são de que (a) países mais democráticos têm mais terrorismo, e interpreta-se que isso deva ocorrer por restrição à participação política dos habitantes do país; (b) que instabilidade política tem impacto positivo sobre terrorismo, e isso ocorre via um canal de queda de “custos” de atentados terroristas; (c) maior fragmentação / polarização étnica têm impacto positivo sobre terrorismo, enquanto que fragmentação / polarização religiosa ou lingüística têm impacto pouco robusto sobre terrorismo. Esse efeito de divisões étnicas, porém, é menos robusto que o efeito de democracia, por exemplo.

2.2. *Teste de diferentes especificações*

O objetivo principal dessa seção é testar se os impactos de democracia e etnicidade ocorrem de forma diferente da linear, descrita acima. As motivações para tal são, em

⁸ O argumento é de que movimentos de massa podem ter dificuldade de “arbitrar” os custos de participação política via mercados de crédito, e por isso, tem funções de custos de contribuições políticas “muito” convexas. Isso faz com que os problemas de free-riding se tornem de ordem menor, e o número alto de participantes passe a ser determinante de sucesso do grupo. A hipótese de custos de contribuições políticas muito convexas é particularmente aplicável ao caso de terrorismo, dado que contribuir “muito” com o movimento significa matar alguém, ou cometer um atentado suicida, enquanto que contribuir “pouco” com o movimento pode ser simplesmente aparecer em “comícios” e protestos, ou participar de ações sociais do movimento.

primeiro lugar, que democracia pode ter um impacto menos negativo / mais positivo em países com maior fragmentação / polarização étnica, como diz o modelo de Conley e Temimi (2001). Alternativamente, o efeito de democracia sobre terrorismo pode ser quadrático, como sugere Abadie (2006).

Começamos testando se etnicidade tem impacto maior sobre terrorismo em países com mais democracia. Para isso, rodamos as mesmas regressões em MQO da tabela (5) (usando, porém, somente os termos de etnicidade), adicionando um termo para a interação entre democracia e etnicidade. Seguem abaixo as regressões. As regressões acima indicam que, uma vez incluída a interação entre democracia e polarização / fragmentação étnica, o efeito de etnicidade se torna menos robusto à inclusão das variáveis de ideologia do movimento e de custos de ataque. Por outro lado, a interação entre democracia e etnicidade é sempre significativa ao nível de 1%. Essas regressões parecem mostrar que fragmentação / polarização étnica tem efeito positivo sobre terrorismo, e que quanto mais democrático o país, mais efeito etnicidade tem sobre terrorismo.

Para testar a robustez desse efeito cruzado, fazemos as regressões da tabela (4) adicionando o termo cruzado entre democracia e etnicidade. Os resultados estão dispostos na próxima página, na tabela (7). Os resultados mostram que, uma vez incluído o efeito fixo de país, a interação entre as variáveis de etnicidade e democracia perdem significância estatística. As variáveis de democracia, em todas as regressões (com exceção da regressão na coluna (2)) permanecem estatisticamente significantes. A variável de democracia, na tabela (7), tem menor significância quando se usa fragmentação étnica que quando se usa polarização étnica. Isso é consistente com o argumento dado nessa monografia, de que democracia afeta terrorismo via participação política dos cidadãos de um país. Alesina e La Ferrara (2000) mostram que, para os Estados Unidos, cidades com maior fragmentação racial / étnica têm cidadãos menos engajados politicamente. Lind (2007) mostra um modelo no qual desigualdade entre grupos reduz redistribuição mesmo quando o grupo mais pobre está no poder⁹, enquanto que a desigualdade intra-grupos aumenta a redistribuição, e tem algumas de suas conclusões confirmadas empiricamente para o caso dos Estados Unidos também.

⁹ O modelo depende de eleitores que se importam mais com o bem estar de eleitores do mesmo grupo que ele do que com o bem estar de outras pessoas no grupo.

Regressões MQO com etnicidade*democracia. Var. Dependente: no. de atentados				
	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Democracia</i>	-0,241 (0,418)	-1,492*** (0,415)	0,333 (0,567)	-0,695 (0,550)
<i>Interrupção</i>	29,574 (32,519)	-86,388*** (29,250)	3,995 (42,279)	-62,257 (39,500)
<i>Interregno</i>	13,825 (57,536)	-65,07 (49,442)	10,676 (47,070)	-86,896* (45,652)
<i>Transição</i>	92,509 (72,341)	-38,584 (66,966)	184,020* (96,751)	84,122 (87,616)
<i>Fragmentação étnica</i>	-13,648*** (3,555)	-8,294** (3,332)		
<i>Democr.*Fragm. Étnica</i>	7,215*** (1,330)	6,587*** (1,242)		
<i>Interrupção*Fragm. Étnica</i>	371,350*** (87,342)	405,212*** (82,427)		
<i>Interregno*Fragm. Étnica</i>	500,133*** (116,672)	433,156*** (104,485)		
<i>Transição*Fragm. Étnica</i>	483,718*** (145,368)	455,979*** (135,740)		
<i>Polarização étnica</i>			12,668** (5,382)	4,855 (5,034)
<i>Democr.*Polar. Étnica</i>			3,998*** (1,215)	3,515*** (1,171)
<i>Interrupção*Polar. Étnica</i>			225,899*** (85,676)	234,095*** (81,945)
<i>Interregno*Polar. Étnica</i>			298,832*** (100,995)	300,056*** (97,057)
<i>Transição*Polar. Étnica</i>			148,673 (159,754)	108,305 (148,718)
<i>Constante</i>	-12,949 (11,882)	7,014 (11,609)	-11,851 (12,242)	15,255 (12,081)
<i>Controle para instabilidade, economia, países vizinhos, geografia e tempo?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle p/ ideologia e custos de ataque?</i>	NÃO	SIM	NÃO	SIM
Observações	2767	2767	2486	2486
R-2	0,13	0,26	0,13	0,26

Erros padrão robustos entre parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (6)

Esse paper pode ser visto como mostrando, teoricamente, como a separação da sociedade em grupos étnicos pode levar a dificuldades dos eleitores em efetivar políticas em seu interesse. Sendo assim, pode-se argumentar que a perda de significância de democracia quando se inclui fragmentação étnica pode se dever a fragmentação étnica estar captando um efeito de participação política.

Reg. Efeitos fixos com etnicidade*democracia. Var. Dependente: no. de atentados				
	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Democracia</i>	2,286*	1,639	3,398**	3,210**
	(1,175)	(1,168)	(1,471)	(1,458)
<i>Interrupção</i>	184,833**	156,521*	224,622*	213,633*
	(85,824)	(85,070)	(128,605)	(127,334)
<i>Interregno</i>	220,926**	178,818*	271,040**	256,593**
	(101,242)	(100,399)	(125,124)	(124,131)
<i>Transição</i>	286,175***	227,852**	439,902***	426,855***
	(109,404)	(108,726)	(138,264)	(136,986)
<i>Democr.*Fragm. Étnica</i>	1,123	1,869		
	(2,105)	(2,088)		
<i>Interrupção*Fragm. Étnica</i>	21,827	57,519		
	(150,838)	(149,495)		
<i>Interregno*Fragm. Étnica</i>	30,679	78,415		
	(172,674)	(171,133)		
<i>Transição*Fragm. Étnica</i>	-27,966	42,817		
	(193,257)	(191,724)		
<i>Democr.*Polar. Étnica</i>			-1,244	-1,477
			(2,457)	(2,433)
<i>Interrupção*Polar. Étnica</i>			-94,848	-106,838
			(196,037)	(194,119)
<i>Interregno*Polar. Étnica</i>			-103,493	-121,286
			(205,898)	(204,121)
<i>Transição*Polar. Étnica</i>			-327,875	-351,877
			(230,021)	(227,733)
<i>Constante</i>	-87,750*	-96,018**	-115,238**	-122,880**
	(45,175)	(44,935)	(50,623)	(50,328)
<i>Controle de efeitos fixos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle para instabilidade, economia, países vizinhos, geografia e tempo?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Controle p/ ideologia e custos de ataque?</i>	NÃO	SIM	NÃO	SIM
<i>Observações</i>	2767	2767	2486	2486
<i>No. de países</i>	144	144	110	110
<i>R-2</i>	0,08	0,10	0,09	0,11

Erros padrão em parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (7)

Não se espera, porém, que etnicidade sempre capte perfeitamente o efeito de participação política, pois é improvável que fragmentação étnica seja um instrumento perfeito, tanto no sentido de não ser fraco quanto no sentido de etnicidade não ter impacto direto sobre terrorismo, que não pela via de participação política. Sendo assim, interpretamos esses resultados como consistentes com a noção de democracia tendo um efeito linear sobre terrorismo pelo canal de participação política, e ao mesmo tempo, como maior evidência de pouca robustez do efeito de etnicidade.

O último exercício a ser feito nessa seção se relaciona à questão de democracia potencialmente ter um efeito quadrático sobre terrorismo. São motivações dessa tese, em primeiro lugar, o efeito negativo que as dummies de democratização e tiranização têm nas regressões da Tabela (4). Ao mesmo tempo, Abadie (2006) argumenta por tal efeito quadrático de direitos políticos sobre terrorismo. Motiva-se essa possibilidade na monografia, adicionalmente, com uma regressão-kernel, com *bandwidth* de 2 e função de peso *Epanechnikov*.

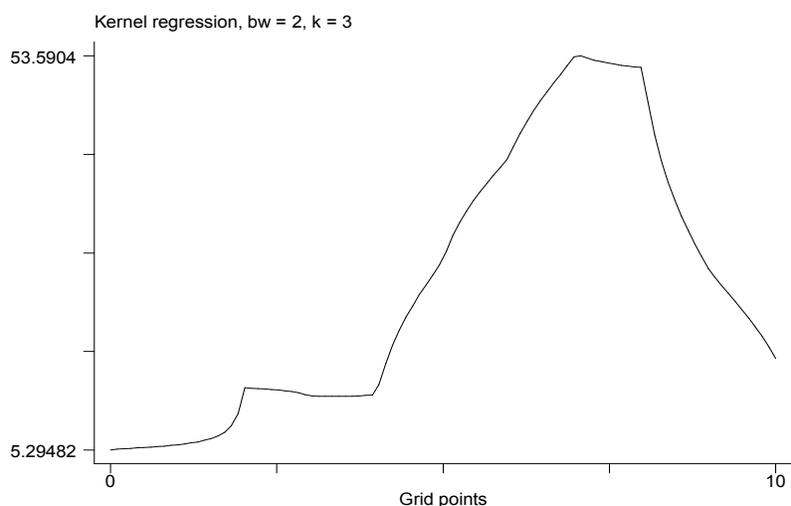


Gráfico (1)

O gráfico da regressão-kernel apresenta democracia no eixo x e número de incidentes no eixo y . O gráfico dá apoio também à noção de democracia tendo efeito quadrático sobre terrorismo. Na Tabela (8), mostramos regressões que mostram que o coeficiente de democracia ao quadrado é pouco robusto a inclusão de efeitos fixos de país, e dificulta a estimação dos efeitos de democracia. Por outro lado, o efeito somente linear de democracia sobre terrorismo é robusto a inclusão de efeitos fixos, como mostra a Tabela (4). Sendo assim, continua-se argumentando pelo efeito linear e positivo de democracia sobre terrorismo.

2.3. Testes adicionais de robustez

Aqui, em primeiro lugar, se mostrará que as regressões são coerentes com noções gerais sobre terrorismo, ao mostrar como os resultados mudam para diferentes medidas de terrorismo, diferentes ideologias e para diferentes níveis de organização dos movimentos terroristas. Em segundo lugar, mostraremos a robustez do resultado ao uso de uma variável para autocracia do sistema, também do POLITY IV, ao invés da variável de democracia.

Em terceiro lugar, mostraremos que, mesmo com algum controle para a questão de seleção de amostra exógena, via modelos tobit, os resultados permanecem.

Regressões com democracia ao quadrado Var. Dependente: no. de atentados					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<i>Democracia</i>	14,290*** (1,705)	19,777*** (2,394)	9,699*** (1,365)	-0,305 (1,817)	1,449 (2,311)
<i>Democracia ao quadrado</i>	-1,361*** (0,171)	-1,873*** (0,236)	-0,982*** (0,140)	0,254 (0,215)	0,077 (0,261)
<i>Interrupção</i>	6881,334*** (857,195)	9472,656*** (1183,271)	4922,688*** (698,690)	-1127,61 (1050,669)	-234,531 (1286,089)
<i>Interregno</i>	9177,497*** (1145,367)	12630,611*** (1579,942)	6573,102*** (933,904)	-1521,51 (1407,407)	-341,434 (1722,011)
<i>Transição</i>	11848,704*** (1475,206)	16300,773*** (2034,323)	8496,073*** (1201,314)	-1962,96 (1815,839)	-446,567 (2220,710)
<i>Constante</i>	-39,530*** (7,566)	-39,765*** (9,382)	-11,11 (7,019)	-64,707* (34,399)	-96,431** (42,716)
<i>Controle para instabilidade?</i>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM
<i>Controle para custos e ideologia?</i>	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM
<i>Efeitos fixos?</i>	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM
Observações	3283	2771	3283	3415	2883
R-2	0,13	0,14	0,25	0,07	0,09
No. de países	151	151	151	151	151

Erros padrão em parênteses

* significativa a 10%; ** significativa a 5%; *** significativa a 1%

Tabela (8)

Em primeiro lugar, mostramos as regressões por nível de organização. A tabela (9) apresenta os resultados de regressões equivalentes às na tabela (4), porém, tendo como variável dependente, na coluna (1), número de incidentes, na coluna (2), número de incidentes perpetrados por atentados terroristas que atacaram mais de 20 vezes entre 1970-1997, na coluna (3), atentados por movimentos terroristas que atacaram mais que 100 vezes entre 1970 e 1997, e na coluna (4), atentados por terroristas que atacaram mais de 200 vezes.

Os resultados mostram que democracia continua tendo efeito positivo e significativo sobre número de atentados terroristas. O efeito de democracia parece diminuir com a organização dos movimentos terroristas, porém, isso pode estar captando mais o efeito de terem mais “zeros” na amostra à medida que o nível de organização do movimento cresce. Por outro lado, instabilidade política passa a ter efeito significativo e positivo sobre terrorismo. Isso pode estar captando o fato de que, dada a ocorrência de instabilidade

política, movimentos terroristas mais organizados têm maiores chances de chegar ao governo e, portanto, aumentam as suas atividades como forma de garantir o seu lugar no novo governo. Por outro lado, o coeficiente pode estar refletindo endogeneidade de instabilidade política: quanto mais organizado o movimento terrorista, mais os seus ataques terão efeito de desestabilizar o governo corrente, o que leva a correlação entre terrorismo e instabilidade política a ser positiva.

	(1)	(2)	(3)	(4)
	Total	Organização maior que 20	Organização maior que 100	Organização maior que 200
<i>Democracia</i>	2,102*** (0,670)	1,538*** (0,427)	1,437*** (0,412)	1,675*** (0,404)
<i>Interrupção</i>	144,837*** (46,794)	100,759*** (29,838)	92,419*** (28,764)	111,440*** (28,194)
<i>Interregno</i>	166,612*** (53,578)	113,538*** (34,164)	105,498*** (32,934)	124,919*** (32,282)
<i>Transição</i>	208,676*** (61,630)	128,424*** (39,298)	115,888*** (37,884)	135,350*** (37,133)
<i>Instabilidade</i>	7,296 (5,045)	7,169** (3,217)	6,942** (3,101)	6,727** (3,040)
<i>Democratização</i>	-26,258*** (6,955)	-20,631*** (4,435)	-19,588*** (4,275)	-20,345*** (4,190)
<i>Tiranização</i>	-23,214** (9,309)	-12,750** (5,936)	-11,060* (5,722)	-11,176** (5,609)
<i>Constante</i>	-97,387** (42,586)	-40,541 (27,155)	-30,741 (26,178)	-21,568 (25,659)
<i>Variáveis econômicas</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Variáveis de custos/ideológicas?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Situação nos países vizinhos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Dummies de tempo?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Efeitos fixos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
Observações	2883	2883	2883	2883
No. de países	151	151	151	151
R-2	0,09	0,09	0,08	0,08

Erros padrão em parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (9)

A tabela (10) mostra como os resultados variam de acordo com o uso de número de mortos, feridos e atentados com danos à propriedade, ao invés do número de atentados totais. As estimativas indicam que, consistente com o que seria intuitivo, democracia só tem impacto sobre número de incidentes e número de incidentes com danos à propriedade, sem impacto significativo sobre mortos e feridos. Por outro lado, instabilidade do sistema

político, apesar de não correlacionado com o número de atentados, aumenta o número de mortes, em média, em 74 e o número de feridos em 96.

	(1)	(2)	(3)	(4)
	Incidentes	Mortos	Feridos	Incidentes com danos a propriedade
<i>Democracia</i>	2,102*** (0,670)	-3,830 (2,349)	2,130 (3,186)	1,604*** (0,499)
<i>Interrupção</i>	144,837*** (46,794)	-249,085 (164,136)	105,971 (222,553)	110,278*** (34,841)
<i>Interregno</i>	166,612*** (53,578)	-331,849* (187,933)	125,231 (254,820)	125,070*** (39,892)
<i>Transição</i>	208,676*** (61,630)	-292,371 (216,176)	125,910 (293,114)	155,440*** (45,888)
<i>Instabilidade</i>	7,296 (5,045)	74,150*** (17,695)	95,512*** (23,992)	5,958 (3,756)
<i>Democratização</i>	-26,258*** (6,955)	-100,493*** (24,395)	-105,122*** (33,078)	-19,648*** (5,178)
<i>Tiranização</i>	-23,214** (9,309)	-108,192*** (32,653)	-138,441*** (44,274)	-19,045*** (6,931)
<i>Constante</i>	-97,387** (42,586)	-276,514* (149,378)	-429,525** (202,542)	-60,831* (31,708)
<i>Variáveis econômicas</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Variáveis de custos/ideológicas?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Situação nos países vizinhos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Dummies de tempo?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>Efeitos fixos?</i>	SIM	SIM	SIM	SIM
Observações	2883	2883	2883	2883
No. de países	151	151	151	151
R-2	0,09	0,08	0,03	0,1

Erros padrão em parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (10)

A tabela (11) apresenta os resultados semelhantes aos da tabela (4), porém, para diferentes ideologias. A tabela mostra que a correlação entre democracia e terrorismo vem principalmente de atentados por grupos com ideologia política, no caso, comunistas e movimentos contra o governo. Também, como era de se esperar, instabilidade política tem efeito sobre terrorismo principalmente quando os atentados são cometidos por movimentos contra o governo, afinal, são esses os movimentos que podem se beneficiar da instabilidade política e são esses os movimentos que mais provavelmente gerarão instabilidade no governo. Renda per capita tem coeficiente *positivo* e significativo nos atentados dos movimentos de caráter social – ou seja, religioso e racista – e nos atentados dos

nacionalistas. Isso pode estar refletindo o impacto que maior renda tem sobre participação em movimentos sociais, seja via educação¹⁰ ou via impacto direto. Também, para todos os tipos de ideologia (exceto os anti-comunistas), terrorismo nos países vizinhos incentiva terrorismo dentro do país positivamente e significativamente estatisticamente (apesar de afetarem com magnitude pequena).

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
	Comunista	Anti-comunista	Religioso	Racista	Nacionalista	Anti-governo
<i>Democracia</i>	2,268*** (0,369)	-0,019 (0,022)	-0,250** (0,107)	0,193 (0,121)	0,189 (0,157)	1,719*** (0,370)
<i>Interrupção</i>	146,709*** (25,795)	-1,142 (1,527)	-16,039** (7,477)	12,879 (8,439)	12,629 (10,966)	112,824*** (25,891)
<i>Interregno</i>	174,927*** (29,527)	-1,887 (1,747)	-19,555** (8,559)	14,998 (9,660)	14,719 (12,553)	122,530*** (29,636)
<i>Transição</i>	195,486*** (33,933)	-1,603 (2,008)	-23,129** (9,836)	13,882 (11,101)	13,372 (14,426)	145,634*** (34,059)
<i>Instabilidade</i>	3,721 (2,790)	-0,033 (0,165)	-0,238 (0,809)	0,768 (0,913)	0,156 (1,186)	6,700** (2,800)
<i>Democratização</i>	-16,673*** (3,842)	0,054 (0,227)	0,438 (1,114)	-3,429*** (1,257)	-3,199* (1,633)	-17,504*** (3,856)
<i>Tiranização</i>	-7,863 (5,150)	-0,053 (0,305)	-0,303 (1,493)	-2,122 (1,685)	-1,473 (2,190)	-9,512* (5,169)
<i>Renda per capita</i>	-3,644 (2,884)	-0,104 (0,171)	3,320*** (0,836)	2,457*** (0,944)	3,960*** (1,226)	-2,294 (2,895)
<i>Abertura comercial</i>	0,013 -0,03	0 -0,002	-0,027*** -0,009	-0,007 -0,01	-0,007 -0,013	-0,024 -0,03
<i>Terrorismo em países vizinhos</i>	0,016*** -0,003	0 0	0,002*** -0,001	0,003*** -0,001	0,005*** -0,001	0,017*** -0,003
<i>Constante</i>	21,58 -23,46	0,95 -1,388	-24,929*** -6,8	-20,174*** -7,675	-32,010*** -9,974	13,182 -23,547
Observações	2883	2883	2883	2883	2883	2883
No. de países	151	151	151	151	151	151
R-2	0,06	0,02	0,04	0,03	0,04	0,06

Erros padrão em parênteses

* significante a 10%; ** significante a 5%; *** significante a 1%

Tabela (11)

Por fim, considera-se a robustez do resultado com relação a medida de democracia na coluna (1) da tabela (12), com relação a um modelo tobit que leve em conta soluções de canto nas regressões de democracia na coluna (2) da tabela (12) e com relação a um modelo tobit para as regressões com etnicidade nas colunas (3) e (4) da tabela (12). Consistente

¹⁰ Ver Glaeser, Ponzetto e Shleifer (2007)

com os resultados anteriores, países mais autocráticos tem menos terrorismo, como mostra a coluna (1). As colunas (2), (3) e (4) permitem ver que o efeito positivo de democracia sobre terrorismo é robusto ao controle para um mecanismo de seleção exógena do Tobit. Com o Tobit, o efeito de instabilidade política passa a ser significativo estatisticamente e positivo. As variáveis de divisões étnicas, por outro lado, permanecem tendo efeito pouco robusto a diferencial de medidas sobre terrorismo.

	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Autocracia</i>	-1,781** (0,724)			
<i>Democracia</i>		2,448** (0,982)	2,031*** (0,591)	2,054*** (0,629)
<i>Interrupção</i>	-123,934** (54,609)	153,907** (71,739)	121,970*** (45,243)	102,147* (55,518)
<i>Interregno</i>	-143,817** (60,068)	201,827** (78,684)	149,281*** (48,759)	144,974*** (51,816)
<i>Transição</i>	-145,832** (66,728)	254,778*** (90,701)	224,950*** (55,658)	239,752*** (59,458)
<i>Instabilidade</i>	6,612 (5,102)	15,212** (7,191)	13,786* (7,809)	13,764* (8,309)
<i>Democratização</i>	-24,208*** (6,887)	-27,618*** (9,526)	-26,351** (10,608)	-26,958** (11,191)
<i>Tiranização</i>	-24,045** (9,406)	-30,412** (14,083)	-14,328 (15,276)	-14,38 (16,309)
<i>Fragmentação étnica</i>			10,832 -8,249	
<i>Polarização étnica</i>				33,098*** -8,807
<i>Constante</i>	-89,188** -42,593	-202,484*** -67,846	-97,260*** -21,971	-80,834*** -21,822
Observações	2883	2883	2767	2486
No. de países	151	151	144	110
R-2 (Pseudo-R2 em Tobit's)	0,09	0,12	0,09	0,08

Erros padrão em parênteses

* significativa a 10%; ** significativa a 5%; *** significativa a 1%

Tabela (12)

5. Conclusão

Nessa monografia, foram obtidos resultados sobre os impactos de democracia, instabilidade política e fragmentação / polarização étnica sobre um tipo particular de violência política, o terrorismo. Os resultados foram que democracia tem impacto significativamente positivo sobre terrorismo, e esse impacto é robusto a especificação do modelo. Por outro lado, instabilidade política e fragmentação / polarização étnica têm impacto sobre terrorismo bem menos robusto a especificação do modelo.

Adicionalmente, foi possível identificar alguns canais pelos quais democracia, instabilidade política e divisões étnicas podem afetar terrorismo. Essa monografia defende que democracia tem impacto sobre terrorismo principalmente via o canal de incentivo a participação política dos cidadãos de um país. Por outro lado, instabilidade política, em âmbito mais geral, parece ter impacto via o canal de “custos” de terrorismo: uma vez controlando-se para proxies de custos dos atentados terroristas, instabilidade política perde efeito. Por outro lado, movimentos organizados atacam mais quando há instabilidade política. Isso pode ser interpretado como decorrente do fato de que, em momentos de instabilidade, são os movimentos organizados os que têm mais chance de ocupar o governo. Isso pode incentivar a atividade de movimentos terroristas mais organizados. Etnicidade, por sua vez, pode ter impacto sobre terrorismo tanto via participação política quanto um impacto direto. Esse impacto, porém, não é robusto à forma de medir diversidade étnica e nem a especificação funcional.

Deve-se citar, porém, potenciais problemas das estimativas acima. No caso de instabilidade política, existe grande chance de endogeneidade, com mais ataques terroristas levando a maior probabilidade de instabilidade política. Nesse sentido, também se pode argüir que democracia é potencialmente endógena a terrorismo. As conclusões desse trabalho levam em conta que, em média, em anos que atacam, os movimentos terroristas cometem menos que 40 incidentes por ano (considerando os grupos ideológicos que mais atacam, os comunistas), matam menos que 90 por ano (considerando-se a ideologia que mais gera mortes, “anti-governista”), e que esses números não devem ser suficientes para gerar uma mudança significativa em democracia. Porém, ainda assim, não podemos descartar a possibilidade de endogeneidade.

Por fim, não podemos descartar por completo problemas de seleção de amostra. Apesar de tentar-se controlar para essa seleção com os modelos tobit, em último caso, pode-se sempre argumentar que a medida de terrorismo aqui utilizada considera registro de atentados, que podem ser menores em países menos democráticos e com renda menor. Pode-se dar dois contra-argumentos a isso: em primeiro lugar, dado que instituições políticas são razoavelmente estáveis a longo prazo, tal efeito de seleção deveria ser capturado pelos efeitos fixos de países; e em segundo lugar, os atentados da base de dados, em sua maioria, tiveram base em registros de agências internacionais de notícias, que talvez tenham menos viés que as agências nacionais. Ainda assim, não se pode descartar por completo que possa haver problemas de seleção de amostra.

Referências bibliográficas

- [1] Abadie, Alberto (2006), “Poverty, Political Freedom, and the Roots of Terrorism”, *American Economic Review Papers & Proceedings*, Vol. 96, no. 2, pp. 50-56.
- [2] _____; Gardeazabal, Javier (2003), “The Economic Costs of Conflict: A Case Study of the Basque Country”, *American Economic Review*, vol. 93, no. 1, pp. 113-132.
- [3] _____; Dermisi, Sofia (2006), “Is Terrorism Eroding Agglomeration Economies in Central Business Districts? Lessons from the Office Real Estate Market in Downtown Chicago”, NBER Working Paper no. 12678.
- [4] Acemoglu, Daron; Robinson, James A. (2000), “Why Did the West Extend the Franchise? Growth, Inequality and Democracy in Historical Perspective”, *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 65, no. __, pp.1167-1199.
- [5] _____; _____ (2001), “A Theory of Political Transitions”, *American Economic Review*, Vol. 91, no. __, pp. 938-963.
- [6] _____; _____ (2006), “Economic Origins of Dictatorship and Democracy”, Nova Iorque, NY, Estados Unidos: Cambridge University Press.
- [7] Alesina, Alberto; Spolaore, Enrico (1997), “On the Number and Size of Nations”, *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 112, no. 4, pp. 1027-1056.
- [8] _____; Baqir, Reza; Easterly, William (1999), “Public Goods and Ethnic Divisions”, *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 114, no. 4, pp. 1243-1284.
- [9] _____; Devleeschauwer, Arnaud; Easterly, William; Kurlat, Sergio; Wacziarg, Romain (2003), “Fraccionalization”, *Journal of Economic Growth*, Vol. 8, no. __, pp. 155-194.
- [10] _____; La Ferrara, Eliana (2000), “Participation in Heterogeneous Communities”, *Quarterly Journal of Economics*, Vol. 115, No. 3, pp. 847-904.
- [11] Becker, Gary S.; Rubinstein, Yona (2005), “Fear and the Response to Terrorism: An Economic Analysis”, In: *Annual Threat Anticipation Workshop*, no.1, 2005. Disponível em: <[jtac.uchicago.edu/conferences/05/resources/BeckerrubinsteinPaper .pdf](http://jtac.uchicago.edu/conferences/05/resources/BeckerrubinsteinPaper.pdf)>.
- [12] Berrebi, Claude; Klor, Esteban F (2006), “On Terrorism and Electoral Outcomes: Theory and Evidence from the Israeli Palestinian Conflict”, *Journal of Conflict Resolution*, Vol. 50 no. 6, 2006

- [13] Berman, Eli; Laitin, David (2005), “Hard Targets: Theory and Evidence on Suicide Attacks”, NBER Working Paper no. 11740
- [14] Caselli, Francesco; Coleman II, Wilbur John (2006), “On the Theory of Ethnic Conflict”, NBER Working Paper no. 12125.
- [15] Chacón, Mario; Robinson, James A.; Torvik, Ragnar (2006), “When is Democracy an Equilibrium?: Theory and Evidence from Colombia’s *La Violencia*”, NBER Working Paper no. 12789.
- [16] Conley, John P.; Temimi, Akram (2001), “Endogenous Enfranchisement When Groups’ Preferences Conflict”, *Journal of Political Economy*, Vol. 109, no. 1, pp. 79-102.
- [17] Esteban, Joan-Maria; Ray, Debraj (1994), “On The Measurement of Polarization”, *Econometrica*, Vol. 62, no. 4, pp. 819-851.
- [18] Esteban, Joan; Ray, Debraj (2001), “Collective Action and the Group Size Paradox”, *American Political Science Review*, Vol. 95, no. 3, pp; 663-672.
- [19] Fearon, James D.; Laitin, David D. (2003), “Ethnicity, Insurgency and Civil War”, *American Political Science Review*, Vol. 97, no. 1, pp. 75-90.
- [20] Gallup, John Luke; Sachs, Jeffrey D.; Mellinger, Andrew D. (1999), “Geography and Economic Development”, *International Regional Science Review*, Vol. 22, no. 2, pp. 179-232.
- [21] Glaeser, Edward L (2005), “The Political Economy of Hatred”, *Quarterly Journal of Economics*, Vol.120, no. 1, pp. 45-86.
- [22] _____ (2006), “The Political Economy of Warfare”, NBER Working Paper no. 12738.
- [23] _____; Jesse M. Shapiro (2002), “Cities and Warfare: The Impact of Terrorism on Urban Form”, *Journal of Urban Economics*, Vol. 51, no. 2, pp. 205-224
- [24] _____; Ponzetto, Giacomo A. M.; Shleifer, Andrei (2007), “Why Does Democracy Need Education”, *Journal of Economic Growth*, Vol. 12, no. 2, pp.77-99.
- [25] Hess, Gregory D.; Orphanides, Athanasios (2001), “War and Democracy”, *Journal of Political Economy*, Vol. 109, no. 4, pp. 776-810.
- [26] Heston, Alan; Summers, Robert; Aten, Bettina (2006), “Penn World Table Version 6.2”, Center for International Comparisons of Production, Income and Prices at the University of Pennsylvania.

[27] Jaeger, David A.; Paserman, M. Daniele, “The Cycle of Violence? An Empirical Analysis of the Fatalities in the Israeli-Palestinian Conflict”, a ser publicado na American Economic Review.

[28] _____; Klor, Esteban F.; Miaari, Sami H.; Paserman, M. Daniele, “The Struggle for Palestinian Hearts and Minds: Violence and Public Opinion in the Second Intifada”, NBER Working Paper no. 13956.

[29] Kaempfer, William H.; Lowenberg, Anton D (1988), “The Theory of International Public Sanctions: A Public Choice Approach”, American Economic Review, Vol. 78, no. 4, pp 786-793.

[30] Krueger, Alan B.; Maleckova, Jitka (2003), “Education, Poverty and Terrorism: Is There a Causal Connection?”, Journal of Economic Perspectives, Vol. 17 no. 4, pp. 119-144.

[31] LaFree, Gary; Dugan, Laura (2007), “Introducing the Global Terrorism Database”, Terrorism and Political Violence, Vol. 19 No. 2, pp. 181-204.

[32] Lapan, Harvey E., Todd Sandler (1988), “To Bargain or Not To Bargain: That Is The Question”, American Economic Review Papers & Proceedings, Vol. 78, no. 2, pp. 16-21.

[33] Miguel, Edward, Shanker Satyanath, Ernest Sergenti (2004), “Economic Shocks and Civil Conflict: An Instrumental Variables Approach”, Journal of Political Economy, Vol. 112, no. 4, pp. 725-753.

[34] Lind, Jo Thori (2007), “Fractionalization and the size of Government”, Journal of Public Economics, Vol. 91, no. __, pp. 51-76.

[35] Marshal, Monty G.; Jagers, Keith (2008), “Polity IV Project, Political Regime Characteristics and Transitions 1800-2006”, Center for International Development and Conflict Management, University of Maryland.

[36] Montalvo, José G.; Reynal-Querol, Marta (2005), “Ethnic Polarization, Potential Conflict and Civil Wars”, American Economic Review, Vol. 95, no. 3, pp. 796-816.

[37] Padró-i-Miquel, Gerard (2007), “The Control of Politicians in Divided Societies: The Politics of Fear”, Review of Economic Studies, Vol. 74, no. __, pp. 1259-1274.